

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
3 e 10 de Fevereiro de 2022

THE THREE MUSKETEERS / 1939

(Os Três "Mosquiteiros")

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** M.M. Musselwhite, William A. Drake e Sam Hellman, com a colaboração de Sid Kuller e Ray Golden, baseado no romance de Alexandre Dumas / **Direcção de Fotografia:** Peverell Marley / **Música:** David Buttolph / **Canções:** Samuel Pokrass e Walter Bullock / **Montagem:** Jack Dennis / **Interpretação:** Don Ameche (D'Artagnan), os Ritz Brothers (os falsos Athos, Porthos e Aramis), Binnie Barnes (Milady de Winter), Lionel Atwill (De Rochefort), Gloria Stuart (a Rainha), Pauline Moore (Lady Constance), Joseph Schildkraut (o Rei), John Carradine (Naveau), Miles Mander (Cardeal Richelieu), Douglass Dumbrille (Athos), John King (Aramis), Russell Hicks (Porthos), Gregory Gaye (Vitrave), Lester Matthews (Duque de Buckingham), Egen Brecher (proprietário), Moroni Olsen (intendente), Georges Renavent (Capitão Fageon), Montagu Shaw (capitão do barco), Jean Perry e Fredrik Vogeding (guardas), etc.

Produção: 20th Century Fox / **Produtor:** Raymond Griffith / **Cópia:** 16mm, preto e branco, versão original com legendas electrónicas em português, 72 minutos / **Estreia em Portugal:** Odeon e Palácio, a 1 de Novembro de 1939.

Aviso: A cópia apresenta alguns problemas de focagem. Pelo facto, o nosso pedido de desculpa.

De entre as múltiplas variações cinematográficas suscitadas pela saga dos mosqueteiros de Dumas, este **The Three Musketeers** de Dwan podia muito bem levar a palma pelo menos para a mais insólita de todas. Trata-se de uma versão musical da famosa história, onde D'Artagnan, incarnado por Don Ameche, se transforma numa espécie de Roy Rogers dos mosqueteiros, em que Athos, Porthos e Aramis são substituídos – literalmente: a narrativa encarrega-se de os substituir, numa das mais divertidas sequências do filme – pelos Ritz Brothers, um trio hoje praticamente esquecido e que aqui aparece como algo entre os Irmãos Marx e os Três Estrelas. Temos então, sob a batuta de Allan Dwan, o romance de Dumas metamorfoseado em opereta, num registo não muito distanciado de alguns dos mais famosos filmes europeus do género: por algum motivo – que pode muito bem ser uma semelhante relação com os décors, com o canto e com a música – um dos filmes que mais vem à memória durante o seu visionamento é **Der Kongress Tanzt**, de Erik Charell.

Ao mesmo tempo, e talvez já estejamos a falar da importância decisiva do trabalho de Allan Dwan, esse espaço da opereta aparece como se fosse um terreno conquistado no interior mais vasto da narrativa de Alexandre Dumas. Quer isto dizer que o filme, muito para além de reproduzir as principais linhas do romance, permite dentro de si a

coexistência de dois registos diferentes: por um lado, a relativa fidelidade à intriga, com alguns momentos encenados como se estivéssemos na mais séria das adaptações – e repare-se nos modos do grande Joseph Schildkraut, que podia ter saído directamente da sua participação em **The Man in the Iron Mask** de Whale, já visto neste ciclo e por coincidência realizado no mesmo ano de 1939; do outro lado, a comédia e a opereta, onde porventura será menos fundamental o D'Artagnan cantor de Don Ameche do que os próprios Ritz Brothers: são eles, pelo menos na maneira como Dwan os encena, que desviam o filme para a ligeireza do music-hall, ou por outras palavras que impedem que a narrativa de Dumas forme aqui um círculo perfeito. O seu papel é sabotarem a história – coisa que começam a fazer a partir do momento em que tomam os lugares de Athos, Porthos e Aramis – e, num certo sentido, sabotarem a "acção": logo na primeira cena de "espadeirada" em que entram mais não fazem do que "boicotá-la" e impedir que, verdadeiramente, se concretize. Não espantaria que este fosse o filme onde a envelhecida graça dos Ritz Brothers melhor resiste: mérito de Dwan, que a encarou de uma maneira funcional, bem no centro do filme e nunca como mero acessório. Apesar da abissal diferença entre os Marx e os Ritz, não andamos muito longe dos procedimentos que fizeram a excelência dos melhores filmes de Groucho e seus pares.

Se este filme vem – mais uma vez – indicar a existência de muitos tesouros escondidos na vastíssima filmografia de Allan Dwan, permite também confirmar a ideia de que Dwan era um fabuloso manipulador do espaço e do décor e que o seu traço distintivo residia precisamente nas relações com esses elementos. Algo que pode ser visto como perfeitamente natural, já que, de certa forma, o "espaço" foi a grande descoberta dos "pioneiros" e dos primeiros "clássicos", como Dwan, Griffith, Walsh ou Ford: grosso modo, o "tempo" será acima de tudo uma descoberta dos "modernos". Para atestar os dotes de Dwan nesta matéria há em **The Three Musketeers** muito mais do que o suficiente. Mas podemos ficar logo pelo genial começo do filme, com o travelling que acompanha Don Ameche ao longo da estrada e que vai revelando os camponeses nos seus afazeres quotidianos, ou com aqueles fabulosos planos de conjunto onde a profundidade de campo põe em cena um perverso dispositivo: em primeiro plano temos a paródia, ao fundo vemos um cenário do mais artificioso "realismo". Nesta espécie de introdução ao filme, Dwan como explicita e dá uma literal visibilidade à ideia exposta no início do texto: o seu trabalho aqui é conquistar terreno para a opereta. E tudo se passa, como escreveu Jean-Claude Biette aquando da morte do cineasta, segundo "a aplicação instintiva de regras geométricas secretas". Tão secretas que nunca foram transmitidas a ninguém.

Luís Miguel Oliveira

"Texto originalmente escrito em 2003, por ocasião de uma exibição do filme num ciclo dedicado a Alexandre Dumas".